



REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA BIOGRÁFICA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL

THOUGHTS ON BIOGRAPHICAL WRITING FROM A PERSONAL EXPERIENCE

ADRIANA VIDOTTE¹

Universidade Federal de Goiás

RESUMO

O presente artigo pretende oferecer uma contribuição para o dossiê, apresentando reflexões sobre as narrativas biográficas, que, nas últimas décadas, recuperaram um lugar de prestígio na produção historiográfica. Partindo de uma experiência acadêmica pessoal, de pesquisas sobre Isabel I de Castela (1474-1504), construímos reflexões sobre o retorno da biografia. Primeiro, abordamos a relação biográfica na perspectiva da questão de identidade e alteridade. Em seguida, destacamos a questão do indivíduo e da pessoa na Idade Média. Por fim, tratamos da reconstrução das biografias das mulheres medievais, em especial da rainha Isabel.

PALAVRAS-CHAVE: BIOGRAFIA; ALTERIDADE; MULHERES.

ABSTRACT

This article intends to offer a contribution to the dossier, presenting thoughts on the biographical narratives, which in recent decades have regained a prestigious place in historiographic production. Starting from a personal academic experience, on researches about Isabella I of Castile (1474-1504), we built thoughts over the return of biography. First, we approach the biographical relationship from the perspective of the issue of identity and otherness. Then, we highlight the issue of the individual and the person in the Middle Ages. Finally, we deal with the reconstruction of the biographies of medieval women, especially Isabella of Castile.

KEYWORDS: BIOGRAPHY; OTHERNESS; WOMEN.

¹ Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Goiás.

INTRODUÇÃO: O RETORNO DA BIOGRAFIA

Uma boa parte da produção historiográfica contemporânea admite a influência da subjetividade do historiador na construção do conhecimento histórico e considera que a autobiografia está sempre presente na formulação das perguntas, métodos, narrativas e explicações no processo de construção do pensamento histórico-científico.²

Começo o artigo com uma citação porque, ao abordar a subjetividade no ofício do historiador, ela abre o caminho para que eu apresente e justifique meu ponto de partida. Para refletir sobre a relação entre biógrafo e biografado, vou pedir licença para apresentar as motivações e as angústias da pesquisadora e deixar que por meio delas surjam as reflexões teóricas. Esse formato é uma consequência do estímulo provocado pela notícia desse dossiê, que me trouxe à memória as primeiras experiências como pesquisadora em história medieval. Não se trata, contudo, de uma narrativa autobiográfica – embora fosse um caminho possível –, mas sim de mobilizar experiências do passado para refletir sobre o tema que se coloca no dossiê.

Desde os primeiros passos como pesquisadora, ainda na graduação, nos primeiros anos da década de 1990, encontrei uma personagem que me acompanharia ao longo desse caminho: Isabel I de Castela, a Rainha Católica (1474-1504). De início, devo confessar, pretendi dedicar-me ao estudo do reinado de Isabel e Fernando em Castela e Aragão. Logo, quando ingressei no Mestrado, porém, meu interesse centrou-se na figura da Rainha e, conseqüentemente, no reino de Castela. Embora consciente de que minha pesquisa desejava encontrar a história da Rainha, decifrar sua imagem, compreender suas ações e se aproximar de suas paixões, não ousava anunciar meu projeto de biografar Isabel. Duas questões me intimidavam: o acesso às fontes, que era bastante limitado naquela época, e os debates acerca do hibridismo da biografia, ocasionado pelas identidades literária e histórica que ela comporta. Concluí o Mestrado com a defesa de uma dissertação intitulada “Isabel de Castela: uma mulher para um reino”, na qual buscava encontrar a individualidade de Isabel, como mulher e rainha, em um modelo régio masculino.³

Naquele momento, anos 1990, o gênero biográfico, que havia retomado um lugar de prestígio na produção historiográfica francesa desde o final dos anos 1970, despertava grande interesse nos meios acadêmicos brasileiros. O retorno da biografia trazia consigo um amplo debate historiográfico. Questionava-se o que teria, no âmbito da historiografia francesa, ocasionado esse retorno. Pelos

² ARRUDA, Gilmar. “Autobiografia, carência de orientação e produção historiográfica: um exercício de meta-narrativa”. In: *História Revista*, v. 23, n. 2, mai-ago 2018, p. 97–114, p. 97. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/53009>>. Acesso em 10 abr. 2021.

³ VIDOTTE, Adriana. *Isabel de Castela: uma rainha para um reino*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual Paulista, Assis, 1999.

propósitos desse artigo, não cabe aqui resgatar e apresentar os diferentes argumentos da discussão, basta salientar que eles, na sua maioria, estavam atrelados às reflexões sobre o modelo dominante de história social produzida na França e sobre a dimensão narrativa da escrita da história. Após um longo tempo de dedicação ao coletivo, objeto principal da história das estruturas, os destinos individuais voltavam a ocupar um lugar central no interesse de historiadores.

Em um artigo publicado em 1989, Jacques Le Goff, ao discutir se o retorno da biografia representava uma reação à história dos Annales, questionava: “Mas o coletivo não deveria por sua vez levar ao individual e o indivíduo não é para o historiador o inevitável membro do grupo e seu estudo – a biografia – não é o complemento indispensável da análise das estruturas sociais e do comportamento coletivo?”⁴ E acrescentava que, naquele contexto em que a história havia sido profundamente renovada, não seria possível ao historiador “cientificamente e mentalmente mais bem equipado”, retornar àqueles “objetos inevitáveis da história que são o acontecimento, o político, o indivíduo – inclusive o ‘grande homem’, objetos outrora traídos por uma historiografia positivista redutora e mistificadora que os Annales tiveram o grande mérito de combater vigorosamente?”⁵

Le Goff refletia sobre a questão central da relação entre o individual e o coletivo, e apontava uma ideia que ficaria cada vez mais presente nesse debate: os estudos biográficos podiam amparar-se em conhecimentos sólidos sobre as sociedades medievais construídos anteriormente. Ou seja, o avanço das pesquisas realizadas nos âmbitos da história econômica, história demográfica, história das mentalidades etc., bem como do materialismo histórico, haviam legado aos historiadores explicações suficientes sobre as estruturas das sociedades medievais, o que lhes proporcionaria certa tranquilidade na recuperação das vidas individuais. A importância do contexto na reconstrução biográfica era evidente, mas era preciso estar atento às armadilhas que levavam a um modelo tradicional de biografia. O historiador francês criticava a produção biográfica daquela década e lamentava que muitas biografias eram a “pura e simples volta à biografia tradicional, superficial, anedótica, totalmente cronológica, sacrificando-se a uma psicologia ultrapassada, incapaz de mostrar o significado histórico geral de uma vida individual”.⁶ Le Goff contestava também o pertencimento ao gênero biográfico de obras que buscavam revelar figuras históricas, mas que acabavam por submergir essas figuras em seus contextos. O indicativo disso eram os títulos que acrescentavam ao nome dos personagens expressões como “e seu reino”, “e seu tempo”, e outras com o mesmo sentido. Ou seja, para Le Goff, só deveriam ser consideradas verdadeiras biografias aquelas obras que colocassem o indivíduo em

⁴ LE GOFF, Jacques. “Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?” In: *Le Débat*. Gallimard. 1989/2, n. 54, pp. 48-53, p. 50.

⁵ LE GOFF, Jacques. “Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?” ..., p. 50.

⁶ LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui? ..., p. 50.

“lugar central e dominante em uma rede de relações com seu ambiente e seu tempo”.⁷ Dessa forma, concluía: “a verdadeira biografia é antes de tudo a vida de um indivíduo e a legitimidade do gênero histórico exige respeito por este objetivo: a apresentação e explicação de uma vida individual na história”.⁸

Em seu artigo, Le Goff repercutia as palavras de Bernard Guenée, historiador francês que também exercia grande influência na formação dos medievalistas brasileiros. Em uma obra que despertou grande interesse nos pesquisadores brasileiros sobretudo nos inícios da década de 1990, Guenée defendia a biografia histórica porque ela tornava possível “dar mais atenção ao acaso, ao evento, aos encadeamentos cronológicos”, só ela poderia dar ao historiador o sentimento do tempo que viveram os homens.⁹ No sentido apresentado por Guenée, só a biografia poderia dar ao historiador a dimensão do tempo de uma vida, a vida vivida pelo biografado.

Certamente, recebíamos com entusiasmo, nas universidades brasileiras, o retorno da biografia e as discussões travadas no âmbito da historiografia francesa, sobretudo porque dela participavam historiadores que eram referências para nossas pesquisas em história medieval, como Jacques Le Goff e Bernard Guenée. Por isso, a chamada para esse dossiê me soou como uma provocação, pois, de acordo com Le Goff, a biografia é a explicação de uma vida individual na história, mas uma história iluminada pelas novas concepções da historiografia.¹⁰

Dessa forma, retomando as discussões que animavam os estudos medievais nos anos 1990, nesse artigo busco refletir sobre o desejo, as possibilidades e as dificuldades de escrever a biografia de uma rainha medieval. Esses três elementos se unem e se alimentam.

ANTES DE TUDO, A ALTERIDADE

O primeiro argumento da discussão sobre a relação biográfica é colocá-la dentro da questão mais ampla de identidade e alteridade.¹¹

Ao considerar a relação entre biógrafo e biografado, Vavy Pacheco Borges, explica:

⁷ LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui? ..., p. 50.

⁸ LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui? ..., p. 50.

⁹ GUENEE, Bernard. *Entre l'Eglise et l'Etat: quatre vies de prélats français à la fin du Moyen Age (XIIIe-XVe siècle)*. Paris: Galimard, 1987, pp. 13-14.

¹⁰ LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui? ..., p. 50.

¹¹ Cf. BORGES, Vavy Pacheco. “O ‘eu’ e o ‘outro’ na relação biográfica”. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (org.). *Figurações do outro*. Uberlândia-MG: Edufu, 2009, p. 225-238; NAXARA, Márcia Regina Capelari. “Pertencimento e alteridade”. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (org.). *Figurações do outro*. Uberlândia-MG: Edufu, 2009, p. 241-260.

Considerada dentro da questão mais ampla de identidade e alteridade, a relação biógrafo e biografado, ou seja, a relação que se desenvolve desde os primórdios do despertar do interesse do biógrafo por um indivíduo até a conclusão da pesquisa e redação da biografia (...), parece-me ganhar uma significativa importância. Pensar nessa relação tem a ver com o estudo das subjetividades, das dimensões e das significações do “outro” – o biografado, em relação àquele que o pensa e o imagina – o “eu”, o biógrafo, e ainda com o estudo das fronteiras ou imbricamentos entre o afeto e o próprio ato de pensar.¹²

A alteridade move a história, toda a pesquisa histórica se funda em uma relação de alteridade e a biografia histórica não pressupõe uma relação diferente. Indo um pouco mais longe, como faz Márcia Naxara, pode-se afirmar que a alteridade é “intrínseca à existência”,

de forma que a percepção, imagem, representação e/ou o que quer que se forme na mente e no imaginário (individual ou coletivo) – de um e de outro lado(s) – forme-se necessariamente na relação e confrontação, ou mesmo no estranhamento do *outro*, variando enormemente os juízos, valores e sentimentos que possam estar presentes e serem ativados para manifestar a aproximação ou o distanciamento.¹³

Contudo, como enfatiza a historiadora, o grande entrave para o conhecimento do *outro* é a leitura dual e excludente diante de um *outro* que não se apresenta como igual ou aproximado. Para a autora, é necessário superar a “antinomia de ver no *outro* um *outro* inexoravelmente afastado” e pensar a relação com o *outro* de forma a abrir brechas para os estranhamentos, para os *estranhos*.¹⁴

Nesse âmbito, quais as especificidades do trabalho de biografar uma personagem como a Rainha Católica? O estranhamento deve ser colocado antes de tudo em relação ao próprio contexto abordado. É exatamente esse estranhamento em relação à Idade Média o argumento de um texto de Alberto Silva Moreira cujo subtítulo é “O medieval como provocação para ser”. O autor toma o humano medieval como provocação para modernos e pós-modernos:

O encontro com a alteridade do medieval, com sua incrível radicalidade, nos ajuda a querer “ir em frente” a todo custo. Talvez não seja a hora de ir em frente e sim de parar. Ou ir para trás. Ou, melhor ainda, de ir para baixo, para o fundo, para as raízes dessa experiência radical. Parar para pensar se esse caminho da modernidade tardia, marcado pela aliança entre ciência e mercado, que já causa tanta dor e sofrimento em tantas pessoas e na própria natureza, de fato vale a pena... Parar para refletir se

¹² BORGES, Vavy Pacheco. O “eu” e o “outro” na relação biográfica ..., p. 225-238, p. 225.

¹³ NAXARA, Márcia Regina Capelari. “Pertencimento e alteridade”. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (org.). Figurações do outro. Uberlândia-MG: Edufu, 2009, p. 243.

¹⁴ NAXARA, Márcia Regina Capelari. “Pertencimento e alteridade” ..., p. 242.

esta forma de ser humano, baseada na busca neurótica da autoafirmação, faz justiça à nossa experiência humana.¹⁵

É a partir do reconhecimento de que a medievalidade será sempre “um *outro*, um *estranho*, uma *forma de ser* radicalmente diferente da nossa”, que Alberto Moreira compreende ser ela uma “provocação para ser” para as sociedades atuais. Trata-se de um estranhamento necessário, pois conduz à reflexão e, nesse sentido, é mais produtivo que qualquer falsa familiaridade.¹⁶

O estranhamento é o que permite, como afirma Naxere, resgatando as ideias de Zygmunt Bauman,¹⁷ “subverter as diferenças estruturadas a partir da lógica dual que preside sempre a relação de dominação traduzida no par amigo *versus* inimigo”¹⁸. No caso do artigo de Moreira, o estranhamento permite subverter as diferenças estruturadas a partir da lógica dual que preside a relação de superioridade das sociedades modernas diante das medievais traduzida em pares formados a partir de valores relacionados ao obscurantismo e à violência *versus* outros vinculados ao conhecimento científico e à organização da sociedade pelo Estado.

Ao abordarmos a construção da biografia de Isabel dentro da questão mais ampla de identidade e alteridade, entendemos que ela também deve ser marcada pela relação, confrontação e estranhamento do “outro”. A primeira questão que se poderia colocar é a distância no tempo e no espaço. Mas, a abordagem da questão de alteridade segundo as relações de proximidade e distância é um terreno arenoso e pode levar a conclusões polêmicas e contraditórias.¹⁹ Além disso, o distanciamento no tempo e no espaço não altera a configuração da alteridade.

O entendimento de que a biografia é a história de uma vida individual na história²⁰, torna necessária a consideração da concepção de indivíduo na época da vida do biografado. O desejo de escrever a vida de Isabel a Católica na história, obriga, então, a buscar a concepção de indivíduo na sociedade em que ela em vivia, pois, considerando as proposições de Le Goff, só é possível pensar uma vida individualmente se se consegue estabelecer alguma relação com a percepção de individualidade vigente durante a sua existência. É preciso confrontar e conformar as noções de indivíduo da época do biografado e da época do biógrafo. Em outras palavras, ao escrever uma

¹⁵ MOREIRA, Alberto. “As influências medievais na construção da sociedade moderna: o medieval como provocação para ser”. In: OLIVEIRA, Terezinha; VISALLI, Angelita Marques. Cultura e educação. Ética e ação política na Antiguidade e Idade Média. Vitória da Conquista/BA: Uesb, 2007, pp. 215-223, p. 221.

¹⁶ Idem, p. 222.

¹⁷ BAUMAN, Zygmunt. “Modernidade e ambivalência”. In: FEATHERSTONE, Mike (Coord.) *Cultura global*. Nacionalismo, globalização e modernidade. Petrópolis: Vozes, 1994, pp. 155-182.

¹⁸ NAXARA, Márcia Regina Capelari. “Pertencimento e alteridade” ..., p. 242.

¹⁹ Cf. DE DECCA, Edgar. Alteridade, moral e justiça. As implicações morais da distância segundo Carlo Ginzburg. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (org.). *Figurações do outro*. Uberlândia-MG: Edufu, 2009, p. 373-397.

²⁰ LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui? ..., p. 52.

biografia, o historiador, guiado por conceitos de sua própria época, coloca a lupa em uma personagem, mas, seu ofício o obriga a observar e respeitar os limites que a aceção de indivíduo da época do biografado impõe à individuação que o olhar através da lupa provoca.

A QUESTÃO DO INDIVÍDUO E DA PESSOA

A questão do indivíduo na Idade Média já fez jorrar muita tinta, sobretudo a partir da década de 1970. Os estudos sobre o tema parecem se concentrar em duas correntes principais, como destacou Aaron Gourevitch em um trabalho de síntese sobre o assunto publicado em 1997.²¹ Uma corrente coloca ênfase na questão da individualidade, enquanto a outra se concentra na pessoa. Na primeira, verificam-se os esforços dos pesquisadores na busca por identificar traços de individualidade na obra de escritores medievais e renascentistas. Para Gourevitch, uma das preocupações principais das pesquisas vinculadas a essa corrente seria determinar o momento em que o homem medieval parece capaz de “descobrir” em si mesmo a individualidade. Na segunda corrente, o problema concentra-se na pessoa, de forma a considerar a individualidade na sua relação com a sociedade. Nesse sentido, a pessoa passa a ser considerada como um meio termo entre a cultura e a sociedade. Gourevitch voltou à questão em 1999, no verbete “Indivíduo” do *Dicionário Temático do Ocidente Medieval* – publicado no Brasil em 2002. Neste texto, “pessoa” e “individualidade” são dois aspectos que o problema do indivíduo comporta:

A pessoa pode ser definida como um “elo intermediário” entre sociedade e cultura. O indivíduo torna-se uma pessoa ao interiorizar a cultura, o sistema de valores, a visão de mundo que são próprios de uma sociedade ou de um grupo social. Nesse sentido, toda sociedade, em qualquer época, é feita de pessoas. De seu lado, a individualidade é uma pessoa que se voltou a uma auto reflexão e que se pensa como eu particular, único.²²

No âmbito da reflexão sobre a biografia aqui construída, a segunda corrente parece apresentar uma base mais pertinente para nossa discussão. O que mais nos afasta da primeira corrente é que a busca pela individualidade apresenta a necessidade de documentos cujos autores buscam refletir sobre si mesmos, revelando-se, como nas autobiografias e confissões. Por outro lado, o que nos aproxima da segunda corrente é a concentração na definição da pessoa a partir da consideração de que ela participa na cultura e na sociedade: “o estudo da pessoa pressupõe uma análise das mentalidades, da parte de consciência que um indivíduo partilha com outros indivíduos ou grupos, que ele esteja, aliás,

²¹ GOUREVITCH, Aaron J. *La naissance de l'individu dans l'Europe médiévale*. Paris: Éditions du Seuil, 1997.

²² GOUREVITCH, Aaron J. “Indivíduo”. In: LE GOFF, J. SCHMITT, J. C. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru/SP: Edusc, 2002, v. I, p. 621-631, p. 621.

consciente de sua unicidade ou que se submeta aos valores do grupo social ou da família”.²³ Coloca-se em evidência que a pessoa é inevitavelmente ligada à cultura de seu tempo e, nesse sentido, apresenta-se impregnada da visão de mundo, da representação do universo e dos sistemas de valores da sociedade e do grupo social ao qual ela pertence.²⁴

Seguindo na mesma direção, Jérôme Baschet apresenta, na introdução do livro *Corpos e almas*, a opção por uma leitura que universaliza o conceito de pessoa: “entenda-se aqui por pessoa o ser socialmente constituído em sua existência individual, ou, para ser ainda mais sintético, o ser social individual”²⁵. Nesse texto, a intenção de Baschet é apresentar uma definição de pessoa “tão reduzida quanto possível”, o que consegue alcançar, mas isso, porém, não deve esconder a complexidade da mesma. Essa complexidade pode ser mais bem compreendida se acompanharmos o percurso da construção da definição de pessoa por Baschet. A inspiração do historiador se encontra no artigo de Marcel Mauss – que Baschet considera fundante – e nas interpretações apresentadas posteriormente por seus discípulos. O ponto de partida é a discussão de uma afirmação de Mauss:

Nunca houve ser humano que não tivesse consciência não apenas de seu corpo, mas também de sua individualidade espiritual e corporal, ao mesmo tempo”, afirma ele [Mauss], acrescentando que a capacidade de dizer “eu” está comprovada em todas as sociedades humanas, o que supõe uma universalidade da consciência de sua própria existência individual.²⁶

Focando na historicidade das concepções de pessoa, Mauss distinguiu dois grandes conjuntos: as sociedades tradicionais e a sociedade ocidental. Nas primeiras, prevalece o conceito de personagem e nelas o *status* está baseado no papel social e no papel ritual. Na segunda, “afirma-se o conceito de *eu*, centrado na liberdade da consciência”, e isso se dá em um longo processo histórico. Como aponta Baschet, o texto de Mauss apresenta ambiguidades e ocasionou divergências nas interpretações de seus discípulos. Embora apresente algumas dessas interpretações, o que parece interessar a Baschet é perceber que Mauss “procurou evidenciar as diferentes formas que o conceito de pessoa pôde assumir, através da diversidade dos mundos sociais”.²⁷ Ou seja, importa a Baschet a possibilidade aberta para universalizar o conceito de pessoa. E mais, a abertura para a percepção de que esse conceito é relacional.

²³ GOUREVITCH, Aaron J. “Indivíduo” ..., v. I, p. 621-631, p. 621.

²⁴ GOUREVITCH, Aaron J. *La naissance de l'individu dans l'Europe médiévale...*, p. 23.

²⁵ BASCHET, Jérôme. *Corpos e almas*. Uma história da pessoa na Idade Média. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 2019, p. 15.

²⁶ BASCHET, Jérôme. *Corpos e almas* ..., p. 13.

²⁷ BASCHET, Jérôme. *Corpos e almas* ..., p. 14.

A concepção relacional da pessoa interessa muito à nossa reflexão sobre a narrativa biográfica e será importante esclarecê-la. Ainda inspirado na antropologia, Baschet relaciona o conceito ao nome de Marilyn Strathern, para quem as relações precedem a pessoa e a constituem.

Insistamos, porque esse ponto é decisivo: a concepção relacional de pessoa não pensa as relações como um suplemento acrescentado a um ser previamente individual; obriga a pensar a constituição da pessoa pelas relações no âmago daquelas com as quais ela se vê envolvida – e isso antes mesmo de nascer, já que essas relações implicam múltiplas instâncias, humanas ou não, que intervêm em sua procriação e formação, assim como a configuração das relações socialmente estruturadas, a qual lhes atribui um lugar.²⁸

Dois pontos parecem fundamentais na compreensão da concepção relacional da pessoa. Primeiro, que ela é muito mais ampla que a simples referência às relações interpessoais que a pessoa estabelece ao longo de sua vida. Segundo, que ela se refere a algo muito mais complexo que a simples somatória dos elementos que constituem a pessoa. Assim, é fundamental considerar na constituição da pessoa “a rede de relações que se tecem em torno dela e nela mesma”.²⁹ Trata-se, nesse mesmo sentido, da reconstrução do contexto, da “superfície social” em que a pessoa atua, conforme explica, por sua vez, Pierre Bourdieu ao referir-se à existência de uma “ilusão biográfica”,³⁰ já que sem essa reconstrução nada tem sentido.³¹

Podemos então retomar e contextualizar de forma mais pertinente a ideia de Le Goff de que é necessário que o biógrafo se preocupe com a concepção de indivíduo durante a vida do biografado. A adoção do conceito universal e relacional da pessoa nos leva a um deslocamento necessário: a busca não deve ser pela percepção que Isabel tinha de si mesma, como indivíduo, mas pela percepção da individualidade da Rainha na sua relação com a sociedade. Na busca por essa percepção, devemos considerar “a rede de relações que se tecem em torno dela e nela mesma”. É essa percepção que vai permitir colocar a lupa na Rainha, focando sua pessoa que é, inevitavelmente, ligada à cultura de seu tempo. Nesse sentido, é preciso entender a rede de relações que se tecem em torno da Rainha Católica e nela mesma, contudo, sem cair nas armadilhas de deixar o caráter histórico que se pretende trazer à

²⁸ BASCHET, Jérôme. *Corpos e almas* ..., p. 16.

²⁹ BASCHET, Jérôme. *Corpos e almas* ..., p. 17.

³⁰ BOURDIEU. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 8. ed., 2006, p. 200-208, p. 207.

³¹ Mesmo que não se concorde integralmente com a interpretação de François Dosse, é relevante a leitura da crítica feita às concepções de Bourdieu por esse historiador, que conclui que “A biografia, para Bourdieu, não apresenta pertinência alguma.” DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 209.

tona submerso em seu ambiente.³² Essa me parece ser a questão mais delicada da discussão apresentada.

BIOGRAFAR A “MULHER COMUM”, BIOGRAFAR A “GRANDE MULHER”

As fronteiras entre observar uma vida individual na história e submergir essa vida no seu ambiente é tênue e elas podem ser relacionadas a duas etapas do trabalho do historiador: o recolhimento das fontes e a escrita da narrativa biográfica. Essas etapas nos colocam diante de outra questão que parece ainda presente no terreno das biografias medievais: sobre quais personagens as sociedades medievais nos legaram fontes adequadas e suficientes para um estudo biográfico? A essa questão devemos sobrepor uma outra que lhe dá sentido: quais critérios definem a adequação e a suficiência das fontes para a escrita de uma biografia?

Crítico da biografia tradicional, Le Goff salientava em seu artigo de 1989 que a necessidade de contar com documentos suficientes favorecia mais a escrita da vida de um “grande homem” do que a de um “homem comum”. Isso porque, como ressaltava o historiador francês, as fontes ocidentais de períodos anteriores ao século XIV não forneciam informações suficientes para escrever biografias que não fossem de figuras proeminentes. Dessa forma, dois tipos de personagens poderiam ser mais facilmente alcançados por meio dos documentos medievais: o rei e o santo.³³

Ninguém ousaria discordar que os historiadores estão fortemente ligados aos documentos e que os documentos relacionados aos “grandes homens” – ou, no nosso caso, às “grandes mulheres” – são mais fartos de informações. Contudo, devemos salientar que a quantidade de informações, por si só, não garante o sucesso da escrita biográfica. Como discutiremos adiante, Le Goff, nesse sentido, chamava a atenção para a existência de regras que geralmente eram seguidas pela documentação sobre um grande homem, as quais não poderiam ser ignoradas pelo historiador.

Por outro lado, o interesse pelas vidas de outras pessoas que não fossem personagens de primeiro plano conduziu os biógrafos por outros caminhos. Esse é o caso da reconstrução de biografias de “seres anônimos com nome”, nas palavras de Reyna Pastor.³⁴ Aliás, para a medievalista espanhola, o “novo interesse pela biografia” seria derivado dos estudos sobre a história das mulheres, do cotidiano, da vida privada e dos estudos sobre a cultura popular, pois esses trouxeram à luz os

³² LE GOFF, Jacques. “Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?” ..., p. 50.

³³ LE GOFF, Jacques. “Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?” ..., p. 50.

³⁴ PASTOR, Reyna. “Las biografías medievales, problemas teóricos e historiográficos. Especialmente referidos a las de las mujeres castellanas”. In: *ARENAL*, 12:2; jul.-dez. 2005, pp. 341-350, p. 344. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2531881>>.

excluídos da memória e novas reflexões sobre a cultura das classes subalternas ou dominadas e sua subjetividade.³⁵ Sem negar a importância dos estudos renovadores sobre reis, santos e heróis – como os realizados por Le Goff, Georges Duby e Jacques Dalarun –, Reyna Pastor argumenta que as novas reflexões sobre os destinos individuais vão além desses tipos de personagem.³⁶

Diferentemente do que ocorre nos casos dos “grandes homens” e das “grandes mulheres”, a reconstrução das biografias dos “excluídos da história” se baseia quase sempre em informações breves e circunstanciais: “às vezes um nome, um ofício, um pleito, um dado qualquer recolhido pela documentação quase ao acaso”.³⁷ Assim se reconstróem as biografias das mulheres medievais; apesar das breves informações que trazem, os documentos revelam a existência daquelas mulheres e tornam possível “evocá-las e compreender algo de suas vidas, de suas ações individuais e de seus entornos”.³⁸ São vários tipos de mulheres – artesãs, criadas órfãs, parteiras, prostitutas etc. – que aparecem nos documentos com “nome próprio” em histórias de vida elusivas mas que, no entanto, são ilustrativas de diversas situações sociais e muitos outros contextos.³⁹

As palavras de Reyna Pastor se encaixam em uma tendência atual que apresenta uma perspectiva mais alargada da biografia histórica, que amplia o leque de possibilidades para a biografia medieval, mas traz à luz a necessidade de se aclarar sobre os tipos de biografias que se buscam e que se apresentam. As reflexões de Giovanni Levi são obrigatórias nesse sentido.⁴⁰ Diante da diversidade de abordagens historiográficas sobre o problema da biografia, Levi formulou uma tipologia na qual classifica a biografia em três tipos. O primeiro tipo é a biografia modal, assim chamada porque, nesse caso, as biografias individuais servem para ilustrar formas típicas de comportamento ligadas às condições sociais. Esse tipo de biografia, que se assemelha à prosopografia, não é “a de uma pessoa singular e sim a de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo”. O segundo tipo se refere à biografia em contexto, cuja compreensão permitiria explicar a singularidade das trajetórias individuais. Nas palavras de Levi: “não se trata de reduzir as condutas a comportamentos-tipos, mas de interpretar as vicissitudes biográficas à luz de um contexto que as torne possíveis e, logo,

³⁵ PASTOR, Reyna. “Las biografías medievales, problemas teóricos e historiográficos. Especialmente referidos a las de las mujeres castellanas” ..., p. 344.

³⁶ PASTOR, Reyna. “Las biografías medievales, problemas teóricos e historiográficos. Especialmente referidos a las de las mujeres castellanas” ..., p. 342.

³⁷ PASTOR, Reyna. “Las biografías medievales, problemas teóricos e historiográficos. Especialmente referidos a las de las mujeres castellanas” ..., p. 345.

³⁸ PASTOR, Reyna. “Las biografías medievales, problemas teóricos e historiográficos. Especialmente referidos a las de las mujeres castellanas” ..., p. 345.

³⁹ PASTOR, Reyna. “Las biografías medievales, problemas teóricos e historiográficos. Especialmente referidos a las de las mujeres castellanas” ..., p. 345.

⁴⁰ LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 8. ed., 2006, p. 184-199.

normais”.⁴¹ O terceiro tipo é a biografia cuja abordagem hermenêutica coloca em primeiro plano o caráter interpretativo do material biográfico.

Da tipologia apresentada, embora sem desconsiderar a contribuição da biografia hermenêutica como estímulo à reflexão entre os historiadores apontada por Levi, são os dois primeiros tipos os que mais interessam à discussão que agora apresentamos. O primeiro tipo é aquele que permitiria trazer à luz as “outras mulheres”, as “mulheres comuns”. É na biografia de tipo modal que se busca vencer os obstáculos colocados pelos documentos com poucas informações.

Por outro lado, é no segundo tipo de biografia que melhor se acomodam as narrativas sobre a vida de “grandes mulheres”, como Isabel de Castela. É a compreensão do contexto que permite analisar a singularidade da trajetória da Rainha Católica de Castela, as vicissitudes de sua biografia.

Essa utilização da biografia repousa sobre uma hipótese implícita que pode ser assim formulada: qualquer que seja a sua originalidade aparente, uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica. Essa perspectiva deu ótimos resultados, tendo-se em geral conseguido manter o equilíbrio entre a especificidade da trajetória individual e o sistema social como um todo.⁴²

Refletir sobre a biografia histórica a partir do exemplo da rainha Isabel a Católica, nos coloca diante de outras duas questões historiográficas importantes, ambas relacionadas às fontes. Por um lado, os questionamentos sobre as fronteiras entre os modelos da realeza e a individualidade da personagem biografada e, por outro lado, a autoria masculina dos escritos sobre ela.

A questão sobre o modelo e a pessoa já havia sido levantada por Le Goff em seu referido artigo de 1989, no qual concluiu que seria pretencioso propor um “esboço de uma biografia de um personagem medieval como uma novidade sem modelos”.⁴³ Expondo sua perspectiva historiográfica na reconstrução da biografia de Luís IX, rei da França (1226-1270),⁴⁴ Le Goff chamava a atenção para o fato de que, na maioria das vezes, a documentação sobre um “grande homem” obedece a determinadas regras que regem a apresentação do tipo de personagem que ele representa.⁴⁵

Esse, com certeza, é o caso das vidas dos santos, como destacou Le Goff, mas também das crônicas. Assim como Le Goff chamava a atenção para o caso de São Luís, a vida de Isabel a Católica

⁴¹ LEVI, Giovanni. “Usos da biografia” ..., p. 192.

⁴² LEVI, Giovanni. “Usos da biografia” ..., p. 192.

⁴³ LE GOFF, Jacques. “Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?” ..., p. 53.

⁴⁴ A reconstrução da vida do rei francês, em curso no momento da escrita do artigo, resultou no livro publicado originalmente em francês em 1996 e traduzido para o português três anos mais tarde. LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

⁴⁵ LE GOFF, Jacques. “Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?” ..., p. 50.

deve ser estudada através dos lugares-comuns que definem um rei na cristandade da sua época. “Meu Saint Louis só pode ser um ‘verdadeiro’ São Luís. E este verdadeiro São Luís só pode mostrar a sua verdade por meio do tipo histórico que ele encarna: um rei”.⁴⁶ Da mesma forma que São Luís, a “verdadeira” Isabel deve ser encontrada na união íntima entre Isabel e o tipo histórico que ela encarna. E esse tipo histórico, certamente, é masculino. Na crítica das fontes, no respeito a elas, deve-se buscar compreender as articulações realizadas pelos cronistas para projetar a figura da Rainha no modelo masculino de rei. E, nessas articulações, podem ser encontradas pistas da individualidade de Isabel. São as atitudes, as reações e as posturas de Isabel que são adaptadas ao modelo régio e é esse modelo que permite revelar a individualidade de Isabel.

Consequentemente, chegamos aos questionamentos sobre a autoria masculina das fontes sobre mulheres. Essa não parece ser uma questão superada pela historiografia, embora todo o debate em que esteve envolvida durante décadas. Nesse sentido, além de fazermos referências às reflexões de Georges Duby, publicadas no Brasil nos anos 1980 e 1990⁴⁷ e de Peter Dronke⁴⁸, é interessante retomarmos o texto de Jacques Dalurum, que integra o livro *História das mulheres*, coordenado por Duby, Perrot e Klapisch-Zuber, publicado no Brasil em 1990. Nesse texto, com o sugestivo título “Olhares de clérigos”, Dalurum aprofunda a problematização ao enfatizar que muitos discursos medievais sobre as mulheres foram escritos por clérigos que mal as conheciam, pois,

sobretudo antes do século XIII, tudo os distancia das mulheres, entrincheirados como estão no universo masculino dos claustros e dos *scriptoria*, das escolas, depois das faculdades de teologia, no seio das comunidades de cônegos onde, desde o século XI, os clérigos encarregados do século se preparam para vida imaculada dos monges.⁴⁹

Guilberto de Nogent (?-1124), por ter sido oblato – portanto, entregue ainda criança a um mosteiro beneditino – é o melhor exemplo utilizado por Dalurum, que afirma: “O que ele conhece do outro sexo é apenas a recordação lancinante de uma mãe casada aos doze anos que ele recompõe para a proteger de toda a ‘mácula’...”.⁵⁰

⁴⁶ LE GOFF, Jacques. “Comment écrire une biographie historique aujourd’hui?” ..., p. 51.

⁴⁷ DUBY, Georges. *Guilherme Marechal*. Ou o melhor cavaleiro do mundo. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1988; DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; DUBY, Georges; PERROT, Michelle; KLAPISCH-ZUBER, Cristiane (dir.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990; DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; DUBY, Georges. *Damas do século XII: a lembrança das ancestrais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

⁴⁸ DRONKE, Peter. *Women writers of the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

⁴⁹ DALARUM, Jacques. “Olhares de clérigos”. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle; KLAPISCH-ZUBER, Cristiane (dir.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto, PT: Afrontamento, 1990, pp. 28-61, p. 28.

⁵⁰ DALARUM, Jacques. “Olhares de clérigos” ..., p. 28.

Por outro lado, esses debates em torno da autoria masculina dos discursos medievais sobre as mulheres evidenciavam que não poderíamos renunciar aos textos de autoria masculino. Era necessário, contudo, realizar a crítica historiográfica e, para isso, recorrer aos textos escritos pelas mulheres, buscando informações que pudessem auxiliar nas interpretações dos textos escritos pelos homens.⁵¹ Além disso, atualmente, as pesquisas sobre as mulheres têm refutado a ideia da predominância de uma “misoginia medieval” e mostrado interesse por testemunhos que revelam as “relações cooperativas e de amizade entre homens e mulheres no período medieval”.⁵² De acordo com Luciana Calado Deplagne,

Não se pode desconsiderar que a lógica binária, tão enfaticamente explorada na modernidade, não nos deixa, muitas vezes, enxergar bem outras formas de interação entre homens e mulheres fora da ordem de relações hierárquicas de poder, de opressão e submissão. Se o avanço dos Estudos de gênero, da História das mulheres, da crítica feminista nas últimas décadas foi capaz de resgatar algumas obras medievais que estiveram à margem da Historiografia tradicional, o desafio atual da/o estudiosa/o da Idade Média é de retirar as lentes escuras que continuam refletindo a visão do medievo dentro dessa lógica binária de opressão/sujeição ao se tratar das relações de gênero.⁵³

Por certo, nos anos que se seguiram desde o retorno da biografia, sobretudo a partir da década de 1980, muitos desafios para a reconstrução das biografias de mulheres medievais, sejam elas “grandes mulheres” ou “mulheres comuns”, foram superados e outros tantos foram apresentados. Contudo, no âmbito do debate, uma ideia central se manteve: a importância do trabalho interpretativo do historiador. Como defende Reyna Pastor, é fundamental no trabalho historiográfico considerar a natureza das fontes e, a partir delas, construir explicações, revelando a perspectiva interpretativa do historiador, pois: “A articulação de perspectivas é possivelmente a contribuição mais valiosa ao conhecimento que pode fazer o historiador”.⁵⁴

⁵¹ Cf. SEGURA GRAÍÑO, Cristina. “La opinión de las mujeres sobre si mismas en el medievo”. *Medievalismo*. Boletín de la Sociedad Española de Estudios Medievales, n. 5, Madrid, 1995, pp. 191-200; BECEIRO PITA, Isabel. “La relación de las mujeres castellanas con la cultura escrita (siglos XIII-inicios del XVI)”. In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (ed.). *Libro y lectura en la Península Ibérica y América* (siglos XIII a XVIII). Valladolid: Junta de Castilla y León, 2003, pp. 15-52; GARCÍA-FERNÁNDEZ, Miguel. “¿Voces de mujeres en escrituras de hombres? De la escritura y la escrituración de la voz autobiográfica femenina en la Edad Media”. In: SANTAMARÍA VILLARROYA, Andrea (ed.) *Personajes femeninos y canon*. Colección Estudios de Género y Feminismos, n. 8. Sevilla: Benildes Ediciones, 2017, p. 197-229.

⁵² DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. “A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre Idade Média”. *Signum* – Revista da ABREM, v. 20, n. 2, p. 24 - 56, ago. 2020, p. 27. Disponível em: <<http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/503/425>>.

⁵³ DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. “A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre Idade Média” ..., p. 27.

⁵⁴ PASTOR, Reyna. “Las biografías medievales, problemas teóricos e historiográficos. Especialmente referidos a las de las mujeres castellanas”. In: *ARENAL*, 12:2; jul.-dez. 2005, pp. 341-350, p. 346. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2531881>>.

PALAVRAS FINAIS

Isabel de Castela é uma personagem que desperta grande interesse desde sua própria época. A própria Rainha contribuiu para a construção de sua imagem valendo-se de letrados, cronistas e artistas que atuavam na divulgação de sua imagem ao lado de Fernando de Aragão, em uma imagem “conjunta” – “quase” indissociável – dos Reis Católicos. A partir do século XIX, contudo, a imagem individualizada da Rainha ganhou destaque. A obra de Clemencín, *Elogio de Isabel*, do início do século XIX, é um marco nesse sentido.⁵⁵ A partir de então, sobretudo dentro dos antigos limites do reino castelhano, Isabel figura em primeiro plano, sobrepujando Fernando, reduzido cada vez mais à condição de rei consorte. O interesse pela figura de Isabel seguiu nos séculos XX e XXI, quando se verifica grande produção de estudos historiográficos e outros tipos de abordagem sobre a Rainha, sob as mais diversas perspectivas. Isabel se torna personagem de obras historiográficas, literárias, de artes plásticas, filmes e série. Sobre essa produção, não me atrevo a comentar – sequer arrolar – nesse artigo, pois não é matéria para poucas linhas e não é esse o objetivo do artigo. Basta dizer que a vida de Isabel é tema de interesse e de sucesso – veja-se por exemplo a série *Isabel*, dirigida por Jordi Frades, exibida entre os anos 2011 e 2014, e que alcançou – e continua alcançando – enorme sucesso não só na Espanha como em toda a Europa e na América Latina.⁵⁶

Para encerrar, gostaria de voltar ao ponto de partida e reafirmar as motivações da escrita desse artigo. Pensar na escrita biográfica requer, antes de tudo, refletir sobre as relações que se estabelecem entre biógrafo e biografado, o que me levou, na escrita deste texto, partir das minhas próprias experiências, das minhas pesquisas e dos meus desejos como pesquisadora. Porque foram os meus próprios sentimentos, a busca e a compreensão da força da alteridade que envolve a vida e a história, a necessidade de aproximação e de estranhamento do *outro* que conduziram minha pesquisa sobre Isabel desde os anos iniciais da minha formação. Porque a biografia, retomando Bernard Guenée, me permitia prestar atenção ao acaso e só ela podia dar a dimensão de uma vida, nesse caso, da vida de Isabel. Certamente, meus escritos sobre Isabel não compõem uma biografia na sua melhor forma, mas expressam a realização de um desejo biográfico nascido em um momento em que os destinos individuais voltavam a ocupar um lugar central no interesse de historiadores.

⁵⁵ CLEMENCIN, Diego. Elogio de Isabel la Católica e Ilustraciones sobre varios asuntos del reinado de doña Isabel la Católica. In: *Mémoires de la Academia de la Historia*, VI, 1820.

⁵⁶ No Brasil, a série foi exibida em canal por assinatura. Não disponho de informações sobre exposições na América do Norte e em países fora do continente europeu. Sobre o sucesso da série, e as representações da figura de Isabel a ele vinculadas, caberia um estudo na perspectiva da História Pública, o que não é o propósito deste artigo. Para citar apenas um exemplo, destaco – mas não recomendo – a publicação da *Isto é*, em sua seção de Cultura, de uma matéria com o título “A tirana que conquistou mundo”. Disponível em: <<https://istoe.com.br/a-tirana-que-conquistou-mundo/>>. Acesso em: 29 maio 2021.